

ESTRUTURA SOCIAL

E

CONSCIÊNCIA COLETIVA

JACOB (J.) LUMIER



Website Produção Leituras do Século XX – PLSV:
Literatura Digital

<http://www.leiturasjlumierautor.pro.br>

ESTRUTURA SOCIAL E CONSCIÊNCIA COLETIVA:

Descobrimo a psicologia coletiva na sociologia¹.

Observações complementares ao artigo
Karl Marx e a Sociologia do Conhecimento²

Por

Jacob (J.) Lumier



Web sitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

Rio de Janeiro, Novembro de 2009

¹ A versão original deste artigo encontra-se em Lumier, Jacob (J.): Psicologia e Sociologia: o Sociólogo como Profissional das Ciências Humanas, Web da OEI, febrero de 2008, pdf 170 págs. link <http://www.oei.es/noticias/spip.php?article2005>

² Internet, Novembro de 2009, pdf 35 págs. link: http://issuu.com/carlusmagn/docs/leiturasociologica?mode=a_p



Esta obra está bajo una licencia Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 3.0 Estados Unidos de Creative Commons. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/us/> o envíe una carta a Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.



ESTRUTURA SOCIAL E CONSCIÊNCIA COLETIVA:
Descobrimo a psicologia coletiva na sociologia.

Sumário

| | |
|--|----|
| Grupos reais..... | 5 |
| Microsociologia e Variabilidade | 8 |
| A consciência coletiva como consciência aberta | 13 |
| Pluridimensionalidade da realidade social..... | 19 |
| Do grupo à história..... | 20 |



ESTRUTURA SOCIAL E CONSCIÊNCIA COLETIVA:

Descobrimo a psicologia coletiva na sociologia.

Do ponto de vista sociológico é improdutivo discutir problemas de estrutura social sem levar em conta a nítida consciência coletiva da hierarquia “específica e referencial” de uma unidade coletiva real, como o é a hierarquia das relações com os outros grupos e com a sociedade global, ou, designada de modo mais amplo, hierarquia das manifestações da sociabilidade, hierarquia esta que só se verifica nos agrupamentos estruturados.

Grupos reais

A teoria sociológica de estrutura social é uma teoria dinâmica. O esforço coletivo de unificação dos determinismos *sociais* já é historiado, de tal sorte que a estrutura social se coloca como um *processus* permanente, compreendido num movimento de desestruturação e reestruturação. A estrutura, sendo obra de civilização, não pode, pois, subsistir um instante sem a intervenção dos atos coletivos, num esforço de unificação e orientação a recomeçar sempre.

O problema da estrutura social só se põe na escala macrosociológica e em relação às unidades coletivas reais , nun-



ca em geral: não há uma análise estrutural separada de uma análise dos agrupamentos particulares, classes sociais, ou sociedades globais, sejam estas tribos, cidades, Estados, impérios, nações, sociedades internacionais³.

Do ponto de vista sociológico é improdutivo discutir problemas de estrutura social sem levar em conta a nítida consciência coletiva da hierarquia “específica e referencial” de uma unidade coletiva real, como o é a hierarquia das relações com os outros grupos e com a sociedade global, ou, designada de modo mais amplo, hierarquia das manifestações da sociabilidade, hierarquia esta que só se verifica nos agrupamentos estruturados.

Em sociologia diferencial os grupos são sempre específicos e a análise da passagem de um “agrupamento não-estruturado, mas estruturável” - como o é todo o agrupamento particular - para chegar à condição de agrupamento estruturado distingue os seguintes momentos: 1) - a diferenciação entre “categoria” ou “estrato”, como simples coleção de indivíduos que se encontram numa situação mais ou menos idêntica, e os “verdadeiros grupos reais”; 2) - a oposição de grupo e de estrutura; 3) - a passagem propriamente dita de um agrupamento não-estruturado para agrupamento estruturado⁴.

No tópico “1)”, afirma-se que é uma questão de fato e somente de fato saber quando se está perante verdadeiros grupos reais ou perante uma simples coleção de indivíduos. Desse modo, se constata que os desempregados podem passar de “coleção” para grupo real nas conjunturas de crise econômica, da mesma maneira em que as pessoas que se encontram numa situação econômica idêntica só

³ Ver: Gurvitch, Georges (1894-1965): *A Vocaç o Actual da Sociologia - vol. I: na senda da sociologia diferencial*, tradu o da 4ª edi o francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1979, 587pp. (1ª edi o em Franc s: Paris, PUF, 1950), op. cit..

⁴ Cf. Ibidem, “*A Voca o Actual da Sociologia - vol. I*” op.cit, pp.496 a 500.



constituem grupo real quando sentem que o seu nível de vida e prestígio social sofreu uma baixa ou, pelo contrário, quando se dão conta de que o seu nível de vida e prestígio social encontram-se em alta.

Em modo idêntico, consumidores e usuários podem tornar-se grupos reais quando seus interesses são alcançados pelo conflito, o que acontece por que: (1) - se trata de consumidores que não são simultaneamente produtores, como o são os aposentados, os inválidos, crianças, adolescentes, velhos, mulheres, etc.; (2) - os consumidores se encontram especialmente conscientes da subida dos preços provocada pelas exigências dos produtores de outro ramo da indústria; (3) - se deixam animar por uma doutrina, como o trabalhismo, p.ex., que os leva a acentuar sua posição de consumidores, ou a procurar um equilíbrio entre esta posição e a dos produtores. Nestes três casos, as duas categorias, produtores e consumidores, podem tornar-se grupos reais, podem mesmo estruturar-se e, se isso acontecer, podem ir ao ponto de se organizar.

Por fim, o sociólogo observa o caso dos diferentes públicos que na maior parte do tempo são apenas categorias ou coleções de indivíduos, embora em certas circunstâncias particulares possam tornar-se grupos reais e mesmo encaminhar-se na via da estruturação: é o exemplo dos laicistas e os clericalistas na altura dos conflitos de separação do Estado e da Igreja, etc ⁵.

Quando se passa de uma categoria a um grupo real temos como sublinha Gurvitch questões de fato, estamos diante de unidades coletivas observáveis diretamente e fundadas em atitudes contínuas e ativas, que constituem quadros macrossociológicos com certa coesão. Quer dizer, estamos diante do seguinte: 1- “agrupamentos de afinidade fraternal”, calcada esta afinidade numa situação eco-

⁵ Ibid, ibdem.



nômica análoga, como é o caso dos estratos em uma classe social, o dos desempregados, o dos produtores e o dos consumidores; 2- agrupamentos de idade, como a juventude, as pessoas de idade madura, os velhos, ou agrupamentos ligados às gerações; 3- os públicos, como agrupamentos assentes na afinidade de gostos, de crenças, de doutrinas, etc.

Nada obstante, *enquanto faltar a estrutura e não for palpável o próprio movimento para uma estruturação não têm esses quadros conseqüentemente nenhuma armação, e o equilíbrio entre as diversas hierarquias não existe*, a consciência coletiva não se separa do inconsciente, *e as regulamentações ou controles sociais pelo direito, pela moral, pelo conhecimento, etc., não são diferenciados*, entre outros critérios.

Na segunda metade do século XX e nas sociedades mais desenvolvidas notou-se que tal movimento para uma estruturação acontece com o grupo de pessoas idosas, e acontece também, por um lado, com os estratos de técnicos, peritos, diretores, e, por outro lado, com os estratos de funcionários, empregados, intermediários.

Microssociologia e Variabilidade



► Contra a tese que pretende separar análise estrutural e análise dita histórica deve-se acolher com Gurvitch o procedimento de apreciar em um só conjunto e *contrapor grupo e estrutura* na análise sociológica, válido não só para agrupamentos de grande envergadura, como os acima considerados, mas para os agrupamentos particulares funcionais.

Isto em razão de que: 1) - não pode deixar de haver certa semelhança entre grupo e estrutura, sendo característica de todos os agrupamentos o fato de serem estruturáveis, como já mencionado; ademais, a possibilidade de uma estrutura não se confunde: não é nem estruturação, nem estrutura adquirida; 2) – em um grupo não-estruturado as relações com os outros grupos e com a sociedade global ficam fluidas; 3) - é somente quando começa a estruturação que essas relações se tornam precisas. Quer dizer: quando começa a estruturação se coloca toda uma série de questões a propósito de como o grupo se integra na sociedade global e da medida da sua tensão com os outros grupos.

Por isso os mesmos grupos específicos podem adquirir estruturas variadas em função da sua integração nos diversos *tipos de sociedades globais*, como o grupo familiar, que ora é família doméstica, ora é família conjugal, ora é família-lar; como, igualmente, o grupo profissional, que ora aparece fazendo parte da família doméstica, ora identificado a uma confraria mágica, ora fazendo um todo com uma casta, ora tomando o caráter de uma associação voluntária, etc.

Por fim, é indiscutível que um grupo não-estruturado em um tipo de sociedade global pode vir a estruturar-se muito fortemente noutros tipos de sociedades globais. Tal é o caso das indústrias, o caso dos consumidores ou ainda o dos estratos tecnocrá-



ticos, que constituem grupos não-estruturados em regime de capitalismo concorrencial, mas que podem vir a estruturar-se muito fortemente uma vez postos sob o regime do capitalismo dirigista⁶.

► Seja como for, no estudo da estruturação em sociologia diferencial importa reter com Gurvitch que em cada unidade coletiva real se encontram as manifestações da sociabilidade.

Quer dizer, estas manifestações configuram em sua diferença específica os quadros microssociais que se verificam em cada unidade coletiva real em maneira espontânea, mas que são utilizados pelas unidades coletivas para se estruturarem e, desse modo, as manifestações da sociabilidade são mais ou menos hierarquizadas do exterior, ou de fora para dentro: o grupal e o global tentam imprimir, pois, sua racionalidade histórica e a ligação estrutural tendencial a essas manifestações microscópicas da vida social.

Apreciada nela mesma, o esquema de análise diferencial em microssociologia distingue conforme a classificação de Gurvitch o seguinte:

1) - a sociabilidade por fusão parcial nos Nós, ou que se manifesta na participação nos Nós, cujos graus de intensidade são a Massa, a Comunidade e a Comunhão. Na Massa, a pressão (“exterior”) do conjunto sobre os participantes é a mais forte dos três graus, e a atração (“interior”) do Nós é a mais débil; na Comunidade prevalece a média e na Comunhão ocorre o inverso da Massa, de tal sorte que o volume desta última pode ter uma expansão quase ilimitada, enquanto a Comunhão se estreita para manter a força e a profundidade da fusão no Nós.

⁶ Ibid, ibidem.



2) - a sociabilidade por oposição parcial em um Nós, que se manifesta nas relações com outrem, sejam estas relações interpessoais ou relações entre Eu, Tu, ele; sejam relações intergrupais.

Na fusão em os Nós se afirma a tomada de consciência da unidade relativa desses Nós e do mundo de significados práticos ou mundo de realidade que por essa via se abre, de tal sorte que os Nós revelam-se a expressão concreta da consciência coletiva.

Como já mencionado, de outra forma esse conjunto de significados restaria inacessível, notando-se a grande riqueza que a descoberta do mundo de significados microssociológicos aporta à sociologia do conhecimento, da moral, do direito, etc ⁷.

No plano das relações com outrem, todavia, a unidade resta inconsciente, já que os juízos, as idéias, os símbolos atualizados neste plano se reduzem aos horizontes de sócios e reproduzem as significações que têm sede em um Nós, em um grupo, em uma classe, ou em uma sociedade global.

É pela microssociologia que se põe em relevo a variabilidade no interior de cada grupo, de cada classe, de cada sociedade global.

Temos, então, que a Massa, a Comunidade, a Comunhão, como quadros sociais, não o são ao mesmo título das unidades coletivas reais, cuja sociabilidade as três primeiras constituem, mas o são à *medida de sua conceituação em tipos de quadros sociais*. Da mesma maneira, o saber dos grupos é um saber próprio, enquanto que o da Massa, da Comunidade, da Comunhão, *é um saber que cor-*

⁷ Cf: Gurvitch, Georges et al: Tratado de Sociologia, vols. 1 e 2, Revisão: A. Ferreira, Iniciativas Editoriais, Porto 1968



responde a elas mesmas. Quer dizer, é mediante a dialética sociológica (complexa) que se pode conceituar os três graus de fusão parcial em um Nós.

De fato, Gurvitch fundou a microssociologia partindo da crítica imanente a Durkheim em modo realista, mediante a análise das duas espécies da sociabilidade mencionadas, e desenvolveu a dialética complexa como ligada à experiência pluralista e à variabilidade por exigência da constatação de que, nos Nós, *as relações com outrem* não podem ser identificadas nem às fases históricas da sociedade global, nem aos agrupamentos particulares ⁸.

E isto é assim porque a diversidade irreduzível dos Nós faz com que tais manifestações da sociabilidade por *relações com outrem* não admita síntese que ultrapasse a combinação variável dessas relações microscópicas, como espécie de sociabilidade.

Quer dizer, mesmo no estado muito valorado pelos estudiosos da história social, quando as relações com outrem são distribuídas hierarquicamente e servem de ponto de referência a uma estrutura social, a síntese não ultrapassa o estado de combinação variável.

É pela microssociologia que se põe em relevo a variabilidade no interior de cada grupo, de cada classe, de cada sociedade global. A pesquisa microssociológica da variabilidade descobre doze planos, cujas coordenadas básicas são as duas espécies de sociabilidade mencionadas: por fusão parcial nos Nós e por oposição parcial em um Nós de conjunto (se atualizando em um grupo, uma classe, uma sociedade).

Cada uma dessas duas espécies microssociológicas se atualiza em três graus conforme a classificação de Gurvitch:

⁸ (cf. “*A Vocação...* - vol.1”, op. cit, p. 286).



1) - os três graus de fusão nos Nós, correspondendo, como já mencionado, à Massa, à Comunidade, à Comunhão, e 2) - os três graus de oposição parcial em um Nós correspondendo, por sua vez, às relações com outrem por afastamento, às relações mistas, às relações por aproximação.

As relações com outrem são observadas desde o ponto de vista da dialética sociológica (complexa), sobretudo a dialética das três escalas - a escala do microsocial, a do parcial e a do global, - sob os seguintes aspectos: (a) - como as relações variáveis que se manifestam entre os diferentes Nós, os grupos, as classes, as sociedades globais; (b) - como as relações que, em acréscimo, variam com a oposição entre sociabilidade ativa e sociabilidade passiva, sem deixar, todavia, de manter sua eficácia de conjuntos ou de quadros sociais, já que são componentes fundamentais da estruturação dos grupos.

A consciência coletiva como consciência aberta

Em relação à pluridimensionalidade da realidade social e o problema da possibilidade da estrutura ⁹, podemos notar que o estudo da mencionada dialética complexa das três escalas - a do microsocial, a do parcial e a do global - deixa bem estabelecida a percepção de que a realidade social do conjunto comporta uma pluralidade de modos atualizados.

⁹ Sobre a pluridimensionalidade da realidade social, a descrição dos níveis e das hierarquias múltiplas, ver adiante pág. 19.



É uma aquisição da teoria sociológica na tradição do realismo de Saint-Simon e do jovem Marx a constatação de que *a realidade é em ato, é a realidade de alguém*.

Do fato de que a consciência faz parte das forças produtivas em sentido lato e desempenha um papel constitutivo nos próprios quadros sociais - seja como linguagem, seja pela intervenção do conhecimento como controle social, seja ainda como direito espontâneo – decorre que a construção do objeto na teoria sociológica se faz a partir dos quadros sociais como sendo os modos de ação comum atualizados nas manifestações da sociabilidade, atualizados nos agrupamentos particulares, nas classes sociais e nas sociedades globais.

Ademais, nota-se que os quadros sociais exercem um domínio, um envolvimento sobre a produção material e espiritual que se manifesta em seu seio, produção esta que se prova mediante as correlações funcionais. Desta forma, revelando-se como produtos das forças produtivas *strictu sensus*, os quadros sociais e a consciência real podem por isso permanecer objetivados, dando lugar, por sua vez, à dialética dos níveis de realidade social.

Como se sabe, ultrapassando em sentido realista a epistemologia da "refutabilidade" como função crítica (Popper), em sociologia, por sua vez, a desdogmatização do saber em seu alcance crítico do conhecimento científico não se reduz a uma construção formal para fins proposicionais.

Embora indispensável à construção do objeto teórico, a *desdogmatização* do saber é um efeito e uma expressão do transbordamento dos quadros conceituais (construídos em teorias) pelo fluxo efetivo das próprias totalidades reais.



Aliás, as totalidades práticas de que trata a sociologia são qualificadas de reais não somente por contraposição formal aos conjuntos mais ou menos lógicos ou quadros conceituais construídos, mas em virtude de suas características (ontológicas e epistemológicas) diferenciais, a saber: são descobertas como totalidades *só em parte apreendidas* (daí "fenômenos sociais totais", fenômenos ontologicamente completos e soberanos ¹⁰) e *somente conhecidas em modos seccionados*, como os patamares em profundidade da realidade social.

Na medida em que põe em relevo a variabilidade extrema na realidade social, a microssociologia permite corroborar essa ambigüidade do "objeto oculto" (Bachelard), sendo este um dos principais méritos da contribuição de Gurvitch. Tanto que, em seu importante artigo no "*Tratado de Sociologia*" já mencionado, Henri Lefèbvre recomendará nos trabalhos em sociologia diferencial de Gurvitch, desde o início dos anos de 1950, a refinada elaboração da linguagem de ciência para a sociologia como disciplina científica do século vinte, notando em especial a aplicação fecunda do aspecto tridimensional (dialética das três escalas: microssocial, parcial e global)¹¹.

Sem dúvida, a tridimensionalidade liga-se ao aproveitamento das chamadas **teorias de consciência aberta** a que já nos referimos em nossos artigos, notadamente à idéia de *dialeitização do simples*, desenvolvida por G. Bachelard em "*O Novo Espírito Cien-*

¹⁰ Em realismo sociológico, o nível ontológico da experiência humana precede e inclui o epistemológico.

¹¹ Para a dialética das três escalas já profundamente elaborada e desenvolvida em 1955 deve-se ler de Gurvitch "*Determinismos Sociais e Liberdade Humana: em direção ao estudo sociológico dos caminhos da liberdade*", trad. Heribaldo Dias, Rio de Janeiro, Forense, 1968, 361 pp., traduzido da 2ª edição francesa de 1963. (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1955). Leia-se o desenvolvimento posterior do problema da dialética em "Dialectique et Sociologia", Flammarion, Paris 1962, 312 pp., Col. Science.



tífico”, cujo aproveitamento como **Gestalten sociais** ou ambiências em atitudes coletivas nota-se especialmente na sociologia dialética dos níveis ou patamares em profundidade da realidade social.

Além disso, o fato de que a psicologia coletiva pertence ao domínio da sociologia sobressai através da **aplicação das teorias de consciência aberta**, na mesma medida em que dessa aplicação descobre-se a consciência como fazendo parte das forças produtivas em sentido lato e desempenhando um papel constitutivo nos próprios quadros sociais, - seja como linguagem, seja pela intervenção do conhecimento, seja ainda como direito espontâneo, como vimos.

► Com efeito, a aplicação das teorias de consciência aberta põe em relevo a *imanência recíproca entre o psíquico e o consciente, por um lado, e por outro lado, a sociedade, o mundo, o ser*, constituindo o fenômeno psíquico que a sociologia descobre na sociedade, como situado no ser e particularmente no ser social, a saber: o *fenômeno psíquico total* – de que voltaremos a tratar.

Então, os procedimentos dialéticos da reciprocidade de perspectiva saltam à vista: é a imanência recíproca descobrindo a imanência recíproca.

No dizer de Gurvitch, quando se trata dos atos mentais e da vida consciente a reciprocidade de perspectiva faz sobressair uma imanência recíproca tornada tão intensa que conduz a um paralelismo ou a uma simetria mais ou menos rigorosa entre as manifestações do coletivo e as do individual que, então, se recobrem completamente. “*É assim que, nas profundezas mais íntimas do Eu encontramos a consciência coletiva e inversamente vemos que é nos estados mais intensos que as consciências coletivas deixam de exercer a menor pressão sobre as consciências individuais que nelas participam*”



¹².Tal é o princípio das consciências intercomunicadas que o célebre Karl Mannheim fracassou ao buscar em sua conhecida obra “*Ideologia e Utopia*”.

Finalmente, lembre-se que para Marx há que superar a falsa alternativa entre indivíduo e sociedade, pois se trata da imanência recíproca do individual e do social, o que é igualmente missão da sociologia.

Quer dizer, na esteira de Saint-Simon, Marx chega à idéia de que o *homem total* - o homem encontrando a sociedade na sua ação pessoal e na sua própria consciência individual - e a *sociedade total* – a sociedade encontrando a realidade humana individual em cada um de seus atos – não são mais do que duas direções da mesma totalidade. Além disso, pressupondo a imanência recíproca do individual e do social como critério de análise crítica, a *consciência alienada* descoberta por Marx como decorrendo da *dominação das alienações*, releva da psicologia coletiva que se descobre dentro da sociologia ¹³ .

Seja como for é preciso evitar a postura dogmática que se monta em torno do desconhecimento dos problemas da microsociologia, evitando notadamente o desprezo pelo estudo dos Nós como expressão concreta da consciência coletiva, isto é, como focos das interpenetrações das consciências e das condutas, focos de suas fusões parciais constituindo os fenômenos de *participação direta* dos indivíduos nas totalidades espontâneas.

Em sociologia os Nós são precisamente compreendidos em um movimento dialético real pela simples razão de que: se interpenetrar ou fusionar parcialmente não quer dizer em abso-

¹² (cf. “A Vocação Atual da Sociologia”, vol.I, p.134).

¹³ Sobre as alienações, ver meu artigo “Karl Marx e a Sociologia do Conhecimento”.



luto se identificar, mas quer dizer se afirmar de uma só vez irredutíveis e participantes, unidos e múltiplos¹⁴.

Sabemos que Durkheim e seus colaboradores já na primeira metade do século XX tomaram em consideração a existência de memórias coletivas múltiplas acentuando que as consciências individuais se revelam penetradas pelas memórias coletivas (Maurice Halbwachs).

Durkheim ele próprio em debate com Gabriel Tarde ao insistir que não se pode desconhecer a descontinuidade e a contingência que diferenciam as esferas do real se posiciona sobre a referência das funções cerebrais na vida da consciência, como que antecipando a preocupação das chamadas ciências cognitivas¹⁵.

Assim em seu estudo sobre *Les Représentations Collectives et les Représentations Individuelles*, estudo posteriormente inserido na sua obra *Philosophie et Sociologie*, pressentindo a dialética ao argumentar por analogia sobre a autonomia relativa nas relações entre a consciência coletiva e a consciência individual, Durkheim deixa claro sua recusa em reabsorver a consciência coletiva nas consciências individuais, nos dizendo que isto equivaleria a reabsorver o pensamento na célula e retirar à vida mental toda a especificidade.

Certamente já se sabe hoje em dia que a descontinuidade diferenciando a consciência individual das células do cérebro não é idêntica àquela que diferencia a consciência coletiva da consciência individual. Apesar de suas variadas implicações, o psíquico e o biológico ou orgânico como já assinalou Gurvitch pertencem a

¹⁴ Cf. Gurvitch, G.: "Dialectique et Sociologia", Flammarion, Paris 1962, 312 pp., Col. Science. Op.cit.

¹⁵ Lumier, Jacob (J.): Psicologia e Sociologia: o Sociólogo como Profissional das Ciências Humanas, Web da OEI, febrero de 2008, pdf 170 págs. link <http://www.oei.es/noticias/spip.php?article2005> Págs.75 a 107.



esferas do real mais ou menos disjuntas admitindo sobreposição, enquanto que, pelo contrário, a consciência coletiva e a consciência individual são manifestações da mesma realidade estudada como fenômeno psíquico total.

Pluridimensionalidade da realidade social.

A teoria sociológica tira da própria dialética complexa dos níveis da realidade social os procedimentos indispensáveis à construção de tipologias, tais como a complementaridade, a compensação, a implicação mútua, ambigüidade, ambivalência, reciprocidade de perspectiva e até a polarização.

Daí decorre a indispensabilidade do estudo descritivo e diferencial da estruturação em vista de fazer sobressair a compreensão de que as manifestações da sociabilidade, como fenômenos microsociológicos são elementos anestruturais, portanto, incapazes por si próprios de formar hierarquias dos níveis de realidade.

Quer dizer, as formas da sociabilidade, embora não unifiquem como disse atualizam no seu seio os degraus objetivos da realidade, aos quais Gurvitch chamará “**níveis múltiplos**”, constatando que, entre esses níveis, se trata de relações inteiramente variáveis, alternando e combinando, por um lado, graus de cristalização e, por outro lado, graus de espontaneidade, e assim constituindo forças dinâmicas de mudança.

Em palavras simples, a partir desses níveis assim compreendidos como “níveis múltiplos”, se afirma o conhecimen-



to de que não existe tipo de sociedade que alcance uma coesão sem choques; de que nada se resolve nunca em uma sociedade, pelo menos não definitivamente, só há graus de coesão e de disparidade. As hierarquias em que esses *níveis múltiplos* tomam parte são também **hierarquias múltiplas**, que variam em cada sociedade e em tal ou qual tipo de estrutura - seja estrutura parcial ou global - nas quais *a descontinuidade prevalece*.

O conceito de estrutura social em sociologia diferencial põe em relevo o fato de o conjunto social por mais complexo que seja preceder, virtualmente ou atualmente, todos os equilíbrios, hierarquias, escalas.

Do grupo à história

O estudo desses níveis múltiplos e dessas hierarquias múltiplas permite avançar na explicação sociológica da “**pluridimensionalidade da realidade social**”, suas “ordens sobrepostas”, conforme a descrição de Gurvitch.

Se as *camadas seccionadas* podem se afirmar como sendo mais cristalizadas e oferecer um suporte mais sólido à estruturação do que jamais poderão fazê-lo as manifestações da sociabilidade, cabe sublinhar que tais *camadas seccionadas nada representam* (não são funções representativas) e não passam de aspectos difu-



sos da matéria social dinâmica, independentes do grau de valor e de realidade, somente limitadas aos graus de dificuldade para acessá-las.

Desta maneira, a teoria sociológica constrói seu objeto na medida em que delimita a realidade social em *níveis mais ou menos construídos* para estabelecer “conceitos” ou quadros operativos eficazes em vista de dar contas da **pluridimensionalidade** da realidade social.

Segundo Gurvitch, *o estudo das combinações móveis dessas camadas seccionadas somente tem lugar se for feito antes que intervenha sua unificação no determinismo sociológico parcial* regendo os agrupamentos particulares e as classes sociais.

A *anterioridade* desse estudo das camadas seccionadas resguarda da arbitrariedade do chamado “corte epistemológico” praticado nas metodologias abstratas exatamente por verificar a dialética dos níveis de realidade como combinada àquela outra dialética das três escalas.

Desse modo, poderão diferenciar dez patamares em profundidade, seguintes: 1) - a superfície morfológica e ecológica; 2) - os aparelhos organizados; 3) - os modelos sociais; 4)- as condutas coletivas regulares; 5)- as tramas dos papéis sociais; 6)- as atitudes coletivas; 7)- os símbolos sociais; 8)- as condutas coletivas inovadoras; 9)-as idéias e valores coletivos; 10)- os estados mentais e atos psíquicos coletivos -cabendo sublinhar que é maior a dificuldade de acesso quanto mais profundo ou espontâneo é o nível estudado.

► Para aclarar o arranjo dessas camadas subjacentes, suas combinações móveis em hierarquias sociais múltiplas, a sociologia diferencial leva em conta que as alterações nesses *planos de conjunto* estão na origem das mudanças fundamentais no interior das estruturas, e que, portanto, igualmente a estas, as camadas subja-



centes se movem nos *tempos sociais*, por meio dos quais admitem princípios de equilíbrio¹⁶.

Vale dizer as camadas subjacentes admitem graus diversos de mediação entre o contínuo e o descontínuo, entre o quantitativo e o qualitativo, o reversível e o irreversível, constituindo seqüências de microdeterminismos sociais que se combatem e sofrem desajustes nas cadências dos seus movimentos, mas que, nada obstante, chegam a arranjos em hierarquias múltiplas e variadas por efeito da dialética entre a escala do microssocial, a escala do parcial e a escala do global, de tal sorte que as hierarquias figuram como criações do esforço coletivo de unificação.

Temos, então, para simplificar, que os princípios de equilíbrio constituindo seqüências microssociológicas estão na base das hierarquias de que, por sua vez, as estruturas sociais configuram as dinâmicas de formação de equilíbrio ao darem nascimento aos tempos sociais.

Com efeito, no interior de uma estrutura social as hierarquias múltiplas implicam formação de equilíbrio dinâmico conforme a escala dos tempos sociais da própria estrutura, e acentuam a permanência das mudanças fundamentais ocorrentes no interior da estrutura que, pela variabilidade, alteram a formação de unidade do tipo de sociedade global, alteram a combinação das hierarquias que definem o tipo.

Desta forma, acentuando a escala dos tempos sociais, o conceito de estrutura em sociologia diferencial põe em rele-

¹⁶ Cf. Gurvitch, G: “*Determinismos Sociais e Liberdade Humana: em direção ao estudo sociológico dos caminhos da liberdade*”, trad. Heribaldo Dias, Rio de Janeiro, Forense, 1968, 361 pp., traduzido da 2ª edição francesa de 1963. (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1955).



vo como disse o fato de o *conjunto social*¹⁷ por mais complexo que seja preceder virtualmente ou atualmente todos os equilíbrios, hierarquias, escalas, seguintes:

(I) - A série das hierarquias sociais específicas e múltiplas compreendendo as escalas ramificadas nas quais o elemento hierárquico assenta-se na distribuição e não na pressão do conjunto; tais hierarquias múltiplas são as seguintes: (1) - a combinação das manifestações da sociabilidade, como se atualizando no conjunto e nos agrupamentos particulares; (2)- a acentuação dos patamares em profundidade da realidade social, como se atualizando no conjunto (com suas formas particulares), na escala do parcial, e no microssocial; (3)- a escala dos modos de divisão do trabalho e dos modos de acumulação, que também se atualizam nas classes sociais e não só nas sociedades globais; (4)- a hierarquia das regulamentações sociais (também chamados “controles sociais”); (5) - a escala dos tempos sociais hierarquizando-se, combinando-se, interpenetrando-se, entrecrocando-se de diferentes maneiras, pois, como já foi dito, a duração de uma estrutura social nunca é um repouso, mas, no dizer de Gurvitch, é uma “procissão através de vias tortuosas abertas pela multiplicidade dos tempos sociais”.

(II) - A série das hierarquias em unificação com preeminência do elemento de contenção: (1) - a hierarquia dos agrupamentos funcionais, às vezes em competição com a hierarquia das classes sociais e a das respectivas organizações. Nota-se que essa competição lhe imprime um acentuado fator de variação, em virtude do que a hierarquia dos agrupamentos funcionais desfruta de um estatuto ambíguo

¹⁷ O fato de que os conjuntos sociais compreendem formas particulares inclui a noção de "bloco histórico", conceito bem conhecido entre os sociólogos desde Antônio Gramsci. Cf. “Os Intelectuais e a Organização da Cultura”, trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 244 pp., (1ª edição em Italiano, 1949).



e pode ser considerada também entre as hierarquias múltiplas, já que ainda *não constitui* as formas particulares dos conjuntos; (2) - a combinação dos modelos, signos, sinais, símbolos, idéias, valores, em breve, das obras de civilização cimentando a estrutura social global, notando-se que essa hierarquia constitui o momento fundamental na formação de unidade; (3) - a hierarquia dos determinismos sociais, compreendendo a dialética entre o microssocial, o parcial e o global, cuja unificação dá a forma particular do determinismo sociológico global.

*Do fato de o conjunto social preceder todas as hierarquias temos não somente que o problema chamado “passagem do grupo à história” releva da pluridimensionalidade da realidade social e se examina no âmbito do estudo das camadas seccionadas, que, conforme dissemos, é um estudo empreendido antes que intervenha a unificação das mesmas nos determinismos sociológicos parciais regendo os agrupamentos particulares e as classes sociais, mas, em consequência, temos também que as tendências e os equilíbrios que constituem o caráter estruturável de um grupo nem sempre são conseguidos e os grupos não chegam a se tornar estruturados, mostrando ser **real** o problema da possibilidade da estrutura.*

► Conforme as descrições de sociologia diferencial, o caráter estruturável de um grupo tem três proveniências, seguintes: (1) - o fato de que a unidade do grupo se realiza mediante o arranjo de uma coesão particular entre (a) - as manifestações da sociabilidade, por um lado, e (b) - por outro lado, as atitudes coletivas, incluindo suas expressões nas condutas regulares; (2) - a existência de um princípio de equilíbrio entre as hierarquias múltiplas; (3) - o fato de que a inserção do grupo em uma classe social ou em uma sociedade



global tende a manifestar-se por um arranjo (a) - de suas relações com os outros grupos e (b) - do papel e do lugar que o grupo tem na hierarquia particular dos agrupamentos que caracterizam uma sociedade global dada.

Em conseqüência da observação dessas proveiências se pode formular a definição de que os agrupamentos são estruturáveis porque: 1) - manifestam tendência para estabelecer um arranjo virtual das hierarquias múltiplas, ou seja, uma “ordem particular”; 2) - manifestem tendência para pôr em relevo a posição, o papel e as relações do grupo com o “exterior”, ou seja, um “espírito de corpo”.

Todavia, do fato de o conjunto social preceder todas as hierarquias resulta ademais que as tendências e os equilíbrios que constituem o caráter estruturável de um grupo e que viemos de enumerar nem sempre são conseguidos.

Daí que existam grupos estruturados como os idosos, os grupos de juventude, certas profissões (embora estes grupos sejam habitualmente desorganizados têm expressão em diferentes organizações), e existam também grupos “apenas estruturáveis” como os diferentes públicos, as minorias étnicas, os produtores, os consumidores, as indústrias, os grupos de geração.

Gurvitch assinala que o nível organizado em relação ao equilíbrio da estrutura é só uma questão de expressão, não indispensável, ainda que todo o grupo organizado seja ao mesmo tempo estruturado, já que, em contrapartida, um grupo pode ser não somente estruturável sem ser organizado, como pode também ser estruturado e não ter organização própria.

Do ponto de vista do interesse na sociologia do conhecimento são os grupos estruturados que oferecem planos de refe-



rência mais precisos. Tanto é assim que, pela abordagem da análise diferencial o conhecimento opera como argamassa, um elemento cimentador da estrutura, fazendo com que os grupos estruturados sejam sedes específicas do conhecimento.

Visando exatamente pôr em relevo o caráter específico dessas sedes do conhecimento, a análise sociológica dará privilégio aos agrupamentos sociais particulares caracterizados no seguinte: (I) - segundo seu modo de acesso seja aberto, condicionado, fechado; (II) - segundo suas funções: destacando a família, os grupos de localidade de pequena envergadura, as fábricas; (III) - os blocos de grupos multifuncionais como o Estado e a Igreja ¹⁸.

¹⁸ Cf: Gurvitch, Georges: “Los Marcos Sociales del Conocimiento”, trad. Mário Giacchino, Caracas, Monte Avila, 1969, 289 págs, (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1966).



ESTRUTURA SOCIAL E CONSCIÊNCIA COLETIVA:
Descobrimo a psicologia coletiva na sociologia.

FIM



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjlumierautor.pro.br>



© 2009 by Jacob (J.) Lumier



The author Jacob (J.) Lumier

